

Preservação das línguas e globalização

Éda Heloisa Pilla *

Há quem pense que a integração ao sistema mundial leva, *ipso facto*, à aceitação da perda da identidade e da cultura, ou seja, a globalização traria prejuízo às especificidades e à sobrevivência das identidades culturais e lingüísticas.

Mas, comecemos pelos pontos colocados no título. A língua se define como o conjunto de signos (palavras) aos quais os membros de um grupo atribuem o mesmo sentido para se comunicar entre si e assegurar o entendimento dentro do grupo. Ela é inerentemente ideológica, na medida em que expressa idéias que são o resultado de processos históricos, políticos e sociais únicos, bem como de todo o conhecimento gerado por uma comunidade.

De saída, vemos que língua e cultura são partes indissociáveis, considerando que é a cultura de uma comunidade que determina a sua forma de classificar e interpretar a realidade que lhe é pertinente, dando um nome a tudo o que ela percebe ou concebe.

Ao aprender a sua língua materna, portanto, o falante já estará absorvendo a cultura subjacente a ela, bem como uma visão-de-mundo complexa, que reflete o modo como essa comunidade lida com seus problemas, formula seu pensamento e sua filosofia, e organiza sua vida social. A soma das palavras de uma língua, que são relacionadas e interdependentes (pois uma palavra é sempre o que as outras não são), compõe uma estrutura ou um sistema lingüístico coerente e harmônico. Nisso consiste a identidade da língua.

O conjunto de todas as línguas do mundo, se todas tivessem sido preservadas com o mesmo peso e representatividade, seria o ideal de diversidade lingüística. Neste ponto, a comparação com a ecologia acaba sendo inevi-



Letras
A adoção de palavras estrangeiras dificulta a comunicação

tável, e serve para comprovar que é na diversidade que está o potencial para a adaptação, a tolerância, a criatividade e a sobrevivência, sendo que da uniformidade provém a inflexibilidade e a inadaptabilidade; uma ameaça inimaginável ao futuro.

Infelizmente, hoje, uma onda homogeneizadora está tornando esse perigo cada vez mais real. O atual *status quo* econômico impõe sanções a determinadas línguas, de formas muito diversas e sub-reptícias. Submetidos aos atuais processos político-econômicos, países pobres e em desenvolvimento não conseguem ficar ilesos às transformações estruturais impostas pelos países ricos, que extrapolam a área meramente econômica.

Obviamente, seria uma forma de fundamentalismo cultural sugerir que tudo se mantenha como está, e não permitir que haja desenvolvimento. Entretanto, existe uma causa legítima de preocupação com relação ao modo indiscriminado com que as culturas vêm sendo minadas, em um mundo cada vez mais unido por laços econômicos.

As línguas não escapam a esse processo. Ao contrário, têm sido coadjuvantes. Todo conhecimento, produtos, serviços, técnicas, ciência e tecnologia que importamos vêm acompanhados de literatura em língua inglesa. Muitas palavras do inglês estão sendo incorporadas ao português. Em alguns casos, a desculpa é a de que

elas nomeiam conceitos novos para os quais ainda não possuímos equivalentes, no entanto isso também se verifica em inúmeros casos em que elas poderiam ser facilmente traduzidas, e não o são.

A adoção de palavras estrangeiras pelo português nega todos aqueles princípios colocados no início desse artigo. Elas estão em desarmonia com a ideologia local, pois são geradas em outro meio lingüístico imbuído de outros valores. Elas subvertem o ambiente onde se estabelecem, seja por impor a ideologia que trazem consigo, seja por entrar em conflito com a já existente. Elas se apropriam de nichos conceituais que por natureza não lhes pertencem, preenchem nossos

espaços com valores espúrios e não facilitam a comunicação, pelo contrário, excluem a maioria dos brasileiros. Elas também empobrecem a nossa língua, por não permitirem que nosso léxico se expanda usando seus próprios recursos. As palavras do inglês sequer se adaptam ao nosso sistema fonológico e não podem ser pronunciadas de acordo com nossas normas fonéticas. Por fim, comprometem a identidade da língua, e isso em nada contribui para a preservação das diversidades lingüísticas.

Existe um consenso entre os lingüistas de que todas as línguas, em princípio, têm capacidade de gerar as palavras que necessitam, quando for preciso. Afinal, foi assim que elas evoluíram e chegaram ao ponto onde estão. Como nas demais línguas, nós também podemos criar nossas próprias palavras, pois dispomos dos recursos lingüísticos necessários para isso. Para o êxito desse processo, teríamos que contar com a participação de uma massa falante conscientizada e que colaborasse no uso e difusão das novas palavras criadas. Seria importante, também, a instituição de políticas públicas que incentivem representações positivas sobre a nossa língua, e desestimulem crenças como a da superioridade lingüística, ou seja, percepções de uma inferioridade lingüística de certas línguas em relação a outras consideradas como modelos a serem assimilados.

A preservação da integridade de nossa língua/cultura só depende de nossa interferência, da mesma forma que a instituição da globalização dependeu da decisão de um pequeno grupo em defesa de seus interesses econômicos. A diferença é que o nosso grupo é maior e nossa causa mais nobre.

* Professora de Inglês do Departamento de Línguas Modernas da UFRGS

Incentivo ao patrimônio cinematográfico

Sétima arte
Estado está mais perto de ter sua cinemateca

Fatimarlei Lunardelli *

Em setembro de 1997, o título "Gaúchos ainda brigam por sua cinemateca" abria texto no qual chamávamos a atenção para a orfandade na qual se encontrava a memória cinematográfica do Rio Grande do Sul, sem nenhum local onde pudesse ser preservada e consultada. Passados 10 anos, ainda não temos nossa cinemateca. Mas está bem mais perto!

Está prevista para o primeiro semestre de 2008 a inauguração da Cinemateca Capitólio, um projeto de iniciativa da Secretaria Municipal da Cultura, através da Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia e as entidades gaúchas do setor do audiovisual, representadas na Fundação Cinema RS (Fundacine), com apoio da Associação dos Amigos do Cinema

Capitólio. O charmoso prédio do antigo Cine Capitólio, localizado na esquina da Demétrio Ribeiro com a Borges de Medeiros foi construído em 1928. Adquirido pelo município em 1995, foi tombado e destinado ao projeto da cinemateca em 2004. As obras de recuperação e reforma já consumiram R\$ 4,1 milhões, aplicados pela Petrobrás via Lei Rouanet. Ainda falta R\$ 1,5 milhão, que deverá vir do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

O prédio é patrimônio da cidade e o projeto da Cinemateca tem tudo para contribuir na revitalização de nossa área central. Os frequentadores terão à disposição livraria, cafeteria, biblioteca e centro de documentação e informação audiovisual. Cinco salas com projetores multimídia estarão disponíveis para a pesquisa, e um novo cinema de 188 lugares retomará a função original de exibição do Cine Capitólio.

São boas notícias, assim como a continuidade do funcionamento da Cinemateca Paulo Amorim, que no final de 2006 esteve ameaçada de fechamento. É conhecida a desigualdade de forças do mercado cinematográfico, ocupado em sua maioria pe-

los *blockbusters* americanos. Qualquer intenção de oferecer filmes de arte ou de outras cinematografias exige dos exibidores persistência e aportes econômicos extras.

É o que fazem o Guion Center, o Cine Santander e o Unibanco Arteplex. Este último, chegou a Porto Alegre trazendo o conceito de multiplex aplicado a filmes de arte. Isso significou a retirada do apoio do banco que antes viabilizava o funcionamento do circuito de salas da Casa de Cultura Mário Quintana. O fim do patrocínio foi um desastre, inviabilizando a continuidade do complexo.

Foi a mobilização da comunidade cinematográfica e a percepção por parte do governo estadual da importância deste circuito cultural que impediu o fechamento. No 35º Festival de Cinema de Gramado, realizado no mês de agosto passado, a secretária de Cultura Mônica Leal anunciou que o Bannrisul irá patrocinar as atividades da Casa de Cultura Mário Quintana, incluindo as três salas de cinema, que já são patrimônio cultural da cidade.

* Jornalista e coordenadora do Núcleo de Comunicação e Cinema da Fabico



Cinemateca Capitólio terá nova sala com 188 lugares

FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTRIO